

Primeiro dia de aula

A menina entra em sala emocionada usando seu melhor vestido um chinelinho gasto aproxima da professora e pede a benção. Ela olha surpresa e mostra um lugar para que se assente. Com voz firme e doce chama cada aluno pelos nomes e pede que digam o nome e de seus pais. A menina levanta e diz seu nome, o de sua mãe e diz que o pai é Jesus Cristo. A turma cai na gargalhada. A coitada já choramingando explica para a professora:

-Eu nunca o vejo, mas minha mãe falou que é ele sim. A professora pega sua mãozinha e a leva para tomar um pouco de ar se senta com ela no pátio e conversa deixando-a calma. Ao final da aula foi à direção querendo saber mais sobre aquela aluna e ouviu um pouco de sua história.

O sonho dela era estudar. A família preferia que ela trabalhasse ou cuidasse dos irmãos para ajudar. No entanto ela queria mais. Sem falar nada com a mãe, pegou a certidão de nascimento e foi ao Grupo Escolar se matricular. A atendente não só recusou a matrícula como perguntou a ela se na casa não tinha pente pois seu cabelo parecia *um ninho de Guacho*.

(A expressão Ninho de guacho é usada para alguém que está com cabelo embaraçado sem pentear. Guacho é um pássaro que faz um enorme ninho com gravetos e cipós. São muito inteligentes quando sentem o ninho corre algum risco carregam para outro galho graveto por graveto.)



Uma pessoa presente diz a ela conhecer a mãe e suas dificuldades e manda aceitar a matrícula.

dia seguinte ela chega à escola meio envergonhada, porém a professora a recebe na entrada e diz a ela que deverá estudar em outra turma que é mais adiantada, mas que poderá vê-la quando quiser. Naquele momento sentiu que o mundo lhe sorria no abraço daquela boa pessoa.

Ainda nos primeiros anos começou a alimentar o sonho: ser professora. Brincava com os vizinhos e irmãos mais novos escrevendo com carvão em uma tábua ou no chão de terra batida exigindo que os “alunos” respondessem lendo o alfabeto ou números. A mãe quando via aquilo ficava brava e xingava a menina usando sempre a mesma frase:

-Pare de ser boba menina! Não existe professora preta!

-E irmã de caridade?

-Também não pode ser preta. Ela respondia:

- Então vou ser cantora porque a Ângela Maria é da minha cor.

-Ora vai buscar água que é melhor ...dizia a mãe.

A casa

Era construída de adobe, o avô era especialista em fazê-los, Não era pintada como as demais da rua. Uma sala com uma mesa, um banco, uma banquetta do avô duas latas com lindas folhagens de estrela e vários quadros de santos. Eram os guardiões e vigias, pois quando a mãe saía dizia que eles verão tudo na ausência dela. A irmã mais nova. passava agachada para que eles não a vissem quando” fazia arte. Um quarto para a mãe e os menores outro para o avô e as mais velhas. Havia um buraco no telhado quando chovia molhava, mas a menina gostava dele e dizia que era para ver estrelas. Um cômodo com o pote de água e a cozinha. Nela um fogão bem alto com um caixote para a menina subir para cuidar do fogo. Uma prateleira com latas quase sempre vazias, e panelas polidas com sabão preto e areia, um pilão com latas de água. A segunda irmã costumava bater com a faca numa tábua para os vizinhos pensarem que era bife, coisa que via na casa da madrinha.

Adobe é uma espécie de tijolo só que não vai ao forno. Assim é uma parede de adobe.



Ali a menina tinha suas tarefas: buscar a água na bica para encher o pote e as latas, socar arroz ou café no pilão. O avô brincava que esse trabalho afinava a cintura. Este já idoso e com reumatismo na coluna caminhava com dificuldade só a pequenas distâncias, mas eram muito conhecidos pelo seu capricho em fabricar adobes que são parecidos com tijolos só que não são queimados. A terra ele tirava do barranco enfrente a casa, trabalho este que tornou a rua mais larga segundo contam, era apenas um trilho no passado. A água era trazida pela mãe e

as meninas. Feito o barro colocava na forma e depositava ao chão em fileira para secar. Quando vendidos dava dinheirinho para balas de goma, um luxo raro. Ele era a pessoa mais respeitada da rua, calmo um bom compadre, conselheiro para vizinhas briguentas e um bom contador de casos e história para as crianças.

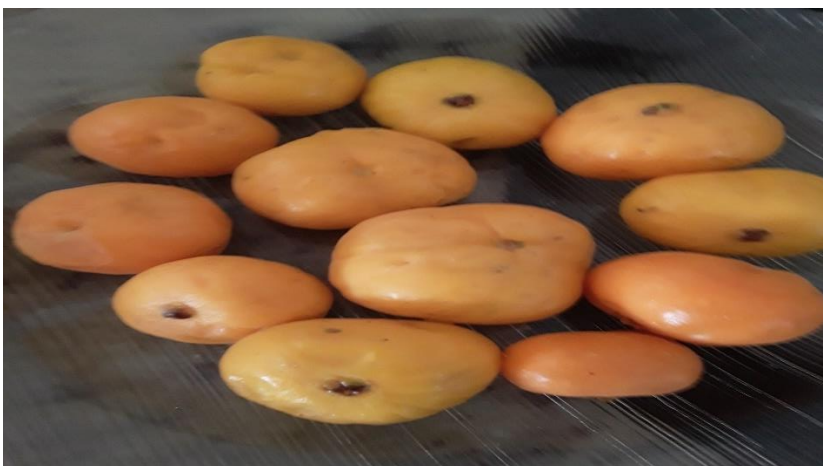
No quintal pés de abacate que eram o esconderijo das meninas quando a mãe pegava a vara de marmelo para dar um corretivo. Mas quando desciam apanhavam dobrado. Uma vez ao ano eles carregavam de frutos e viravam o esperado dinheiro da venda. Também um pé de jabuticaba, mamão e ora pro nobis que estava sempre reforçando as refeições. Havia um chiqueiro onde as vezes criava-se um leitão. Quando engordava era dividido com a vizinhança aí sim comia -se carne. Havia uma moita de cana caiana que deixava a criançada louca de vontade de cortar, mas era proibido porque a mãe reservava para doar para o leilão nas épocas de festas religiosas;

Quando adentravam nas matas para buscar lenha se deliciavam com as frutas do cerrado isto tornava menos penosa a tarefa de catar a lenha, amarrar o feixe e carregá-lo até a casa que ficava bem distante. Havia na rua uma boa senhora que acompanhava pacientemente as crianças da rua quando as mães não podiam. A menina quase sempre fazia um feixe maior que os companheiros tentando agradar as pessoas que compravam a lenha trazida.

Gabirola



(Cagaita -Quando verde lembra maçã e madura tem um suco forte rico em vitaminas)



O banho? Buscava-se água em latas aquecia e jogava na bacia. No sábado lavava a cabeça e os cabelos eram trançados amaciados com banha de porco. Ai meu Deus, quando o sol aquecia aquilo virava um horror. Como sonhava com um cabelo macio e liso. As espigas de milho, que eram suas bonecas ou filhas imaginárias os tinham amarelos, vermelhos ...pelo menos enquanto estavam verdes porque quando secavam viravam chá para os rins.

Sanitários? Nem vou contar, vou poupá-los de detalhes tamanha a falta de dignidade comum onde não há rede de esgoto. Do milho aproveitava tudo para alimento. A palha enchia os colchões, no entanto absurdamente, o sabugo era usado para substituir papel higiênico e até hoje na zona rural ele assim é usado



Viviam com toda dificuldade, as vezes sem saber o que comer no dia seguinte, mas a mãe rigorosa exigia dos filhos disciplina e dignidade. Contando com a ajuda do avô para ensinar bons costumes e manter os filhos na linha. Buscavam lenha nas matas para usar e vender, trabalhavam nas lavouras, lavavam e remendavam roupas para os outros. o período da apanha de café ia para as lavouras de outras cidades ali permaneciam até acabar a colheita e receber um bom dinheiro. Mas ninguém ia à escola por três meses. Corriam perigos com serpente e até onça que rondavam os ranchos de sapé à noite soltando miados terríveis. Se fosse hoje as crianças teriam trauma, elas só passavam medo e rezavam para o dia amanhecer.

À menina cabia a obrigação de ajudar em tudo. Carregar os irmãos enganchados na cintura. Cuidar dos mais novos era obrigação dela, quando deixava cair vinha a bronca. Brincar com outras crianças só quando ela permitia e com meninos nunca. Toda noite rezavam o terço a mãe começava do quarto e do outro filhos respondiam. Quando não ouvia a voz de um que cochilava iniciava tudo de novo. Cinquenta Ave Maria e no final os pedidos especiais, dentre eles diz ela:

-Um Pai nosso e uma Ave Maria para inimigos que sejam mal para nós. A segunda irmã não aceitava, se não gostam de nós para que rezar? Então explicava que era para amansá-los. Amavam-se muito e se protegiam entre si. A mãe sempre rigorosa não tinha tempo para paparicos como as demais mãe, mas se mexessem com qualquer um deles virava uma leoa. A Menina era muito carente,

mesmo porque sendo criança participava com a família todos os problemas.

Percebia a segunda irmã como preferida do avô e o Irmão preferido da mãe, mas adorava os irmãos. Quando havia uma desobediência a mãe pedia uma vara de marmelo ela corria em defesa e apanhava também. A madrinha morava no fim da rua e agradava trazendo comidas gostosas, ajudando-a a carregar água. Só que se casou e foi embora.

Na rua havia muitas crianças, á tarde reuniam para brincar. Os meninos brincavam de carrinho de rolimã, de finca, pique esconde. As meninas de casinha, de roda, passam anel, ciranda, roda cutia, etc.

Na frente da casa uma calçada de pedra onde sentam a noite para conversar, ouvir história que o avô contava e encantava.

Noite de lua cheia a rua ficava clarinha, a criançada se juntava na calçada, o avô se sentava com elas e contava casos, histórias as vezes repetidas mudando alguma coisa que era logo protestada pelos mais espertos. E sorria e acertava. História de fantasma, lobisomem a ele que os ouvintes porque um encostava no outro com medo e para voltar para casa gritavam os pais. Algumas eras sempre solicitadas ele ia a contando...

O passarinho fantasma

Era uma vez uma princesa muito linda que vivia num castelo no meio floresta. Seu pai era muito bravo e não permitia que ela falasse com ninguém. Um dia um caçador passou e viu na sacada a

princesa. Ela olhou para ele e sorriu. O caçador se apaixonou e pensou em um jeito de conversar com ela. Então ele fez umas enormes asas feita com folhas de palmeira e conseguia voar até a janela da princesa. Algumas pessoas o viam, mas achava que era fantasma porque só voava à noite. Como sabiam que os pais nunca permitiriam o casamento em uma noite ele roubou a princesa pelo telhado voando com ela para a longe. Quando os pais reuniram o guardas para saber o que aconteceu eles disseram que só poderia ser coisa do passarinho fantasma. que pousava todas as noites no castelo os dois se casaram e foram felizes para sempre.

-Conta aquela que é verdade que é de verdade, pediam. Ele atendia.

O lobisomem

Nas noites de sexta feira da quaresma é preciso rezar muito e obedecer aos pais dizia ele. É nesse dia que o lobisomem e a mula sem cabeça gostam de aparecer. Conta que uma vez começou acontecer coisas estranhas na cidade. As galinhas sumiam no galinheiro, os cachorros uivavam e apareciam mordidos. Era o lobisomem, metade homem metade lobo que tocava o terror. Todos queriam descobrir que era o homem que virava fera. As mães que tinha bebês tinham que batizar logo senão ele roubava o bebê. Uma noite ele entrou na casa e pegou uma criança enrolada num manto vermelho. Mas a mãe correu atrás dele com uma cruz e pegou filho. O bicho correu. Tempo depois o marido dela entrou em casa ela contou o acontecido e ele sorriu. Foi aí que ela viu no dente dele fiapos